

# RESSALVA

Atendendo solicitação do autor,  
o texto completo desta tese será  
disponibilizado somente a partir de  
29/06/2020.

**BRUNO SANCHES MARIANTE DA SILVA**

**Assistência e Modernidade nos Boletins da Legião Brasileira de  
Assistência (1945 – 1964)**

**ASSIS**

**2018**

**BRUNO SANCHES MARIANTE DA SILVA**

**Assistência e Modernidade nos Boletins da Legião Brasileira de  
Assistência (1945 – 1964)**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis,  
para a obtenção do título Doutor em História (Área  
de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva.

Bolsista CAPES/DS.

**ASSIS**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S586a Silva, Bruno Sanches Mariante da  
Assistência e modernidade nos boletins da Legião Brasileira de Assistência (1945-1964) / Bruno Sanches Mariante da Silva. Assis, 2018.  
264 f. : il.

Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Dr<sup>a</sup> Zélia Lopes da Silva

1. Assistência social. 2. Legião Brasileira de Assistência. 3. Assistência a menores. 4. Voluntários no serviço social. 5. Modernismo. I.Título.

CDD 368.4



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA TESE:** Assistência e Modernidade nos Boletins da Legião Brasileira de Assistência (1945 – 1964)

**AUTOR: BRUNO SANCHES MARIANTE DA SILVA**

**ORIENTADORA: ZÉLIA LOPES DA SILVA**

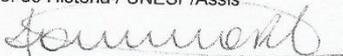
Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em HISTÓRIA, área: HISTÓRIA E SOCIEDADE pela Comissão Examinadora:

  
Profa. Dra. ZÉLIA LOPES DA SILVA  
Depto. de História / UNESP/Assis

Profa. Dra. ANA PAULA VOSNE MARTINS  
UFPR / Curitiba

Profa. Dra. SÍLVIA MARIA FÁVERO AREND  
Florianópolis / UDESC

Prof. Dr. ANTONIO CELSO FERREIRA  
Depto. de História / UNESP/Assis

  
Profa. Dra. TÂNIA REGINA DE LUCA  
Depto. de História / UNESP/Assis

Assis, 29 de junho de 2018

***“Sonhei que o fogo gelou  
Sonhei que a neve fervia  
E por sonhar o impossível, ai”  
(Chico Buarque, “Outros Sonhos”)***

*Dedico esta tese a todxs professorxs, amigxs e familiares  
que me incentivaram e auxiliaram, desde quando esta  
tese era ainda um sonho (quase) impossível.*

## Agradecimentos

Definitivamente, não foi fácil chegar ao fim dessa jornada. Por mais solitário que seja o caminho da pesquisa e da escrita de uma tese, pude contar com a magnífica ajuda de pessoas muito especiais, a quem gostaria de agora agradecer.

Eu jamais poderia começar os agradecimentos desta tese se não agradecendo à minha mãe. Sinônimo de amor, ao mesmo tempo que é exemplo pleno de dedicação, garra e inteligência, sem iguais. À minha mãe, cuja força e trabalho me alimentaram, me vestiram, me educaram, devo o que sou e o que serei. Se hoje tenho a possibilidade de me tornar doutor, devo a ela. Meu eterno, sincero e humilde agradecimento. Lembrando Maria Bethânia, uma linda paixão que nós dividimos, quero dizer, como ela disse a sua mãe Dona Canô: “Meu canto é teu, minha senhora”.

Quero agradecer também a minha família: meu pai, Claudino, minha irmã, Clarice, minha tia, Evangelina e minha avó, Jane (em memória). Compõem a base de amor e incentivo fundamentais para o meu viver.

Se minha mãe é o exemplo e o incentivo que tenho em casa, na UNESP (minha casa acadêmica desde 2010) encontrei outra fonte de exemplos e incentivos: Zélia Lopes da Silva. Desde de antes de me tornar seu orientando no mestrado, já nutria uma imensa admiração. Quando precisei, já no doutorado, ela me acolheu e me orientou com presteza, exigência e também carinho. Não tenho palavras para expressar tamanha gratidão e orgulho de compor o time que leva o carimbo “Zélia Lopes da Silva” em seus currículos e experiências acadêmicas. Muito obrigado!!!

Não posso deixar de agradecer ao Prof. Dr. Antonio Celso Ferreira, quem primeiro acolheu e aceitou meu projeto de doutorado. Meu agradecimento pelas orientações iniciais e pela acolhida.

Às Profas. Dras. Ana Paula Vosne Martins e Tania Regina de Luca pelas preciosas leituras e contribuições no exame de qualificação. À Profa Ana Paula agradeço, especialmente, pelo encaminhamento, ainda no começo do projeto, aos Arquivos do Ministério do Desenvolvimento Social em Brasília – DF, cujo acesso foi fundamental para a composição desta tese.

No pedregoso caminho da vida, tenho a glória de poder contar com amigxs queridxs que me suportam (em todos os sentidos) ao longo dos anos. Em especial, quero agradecer à Daniela Reis de Moraes, que, por mais de uma década, tem sido minha primeira leitora, melhor amiga

e até companheira de apartamento. Aos queridos e queridas: Patrícia Diamante, Ester Falaschi, Marcos Xexé, Talita Sauer, Muriel Amaral, José Miguel Arias Neto, Raquel Venegas e Christiane Henriques, pelas incontáveis horas de alegria e apoio, o meu muito obrigado mais especial. Ao Renan Pimentel que acompanhou de perto – e auxiliou grandemente – a construção dessa tese, meu sincero agradecimento.

Desde 2005, quando ingressei no curso de História da Universidade Estadual de Londrina, construiu-se uma bela e vigorosa amizade com Cláudia Souza, Edna Sopelsa, Fernanda Frozoni, Lucia Bambini, Danilo Marques, a quem agradeço pela amizade. Quero especialmente agradecer ao meu parceiro de debates, risos e angústias da pós-graduação, querido amigo, Arnaldo Szlachta.

Preciso agradecer aos meus chefes, Claudia Oliveira, na UNIFIL, e Levi Martins, na FAFIMAN, bem como a todos os colegas de ambos departamentos. Agradeço o apoio e a compreensão quando muitas vezes precisei me ausentar ou estive muito ocupado com a tese.

Mesmo que pouco ortodoxo, quero fazer alguns agradecimentos: à inspiração de Maria Bethânia, ao conforto dos relaxantes musculares, às cervejas da alegria ou do desespero e ao meu terapeuta, Edgar Alvarenga.

À CAPES pelo auxílio financeiro.

*O Brasil é um enorme casarão, de sólidas paredes esburacadas e cheio de entulho, com algumas salas de visita bem cuidadas, quando vistas de relance, mas com aposentos internos ainda mais entulhados; de despensa vazia, sem água e sem esgoto. É tanto entulho acumulado, que, muitas vezes, custamos a distinguir, ou mesmo não conseguimos enxergar a boa pedra da sua construção. O que nos cumpre fazer, sem maiores delongas e com espírito de resolução, é imediatamente remover o entulho grosso do casarão, que são as nossas doenças de massa, e dotá-lo gradativamente das condições higiênicas mínimas pondo-lhe água que não existe, o esgoto que falta, para dar aos seus moradores o que de mais elementar existe em higiene.*

*Mário Pinotti, ex-ministro da saúde e ex-presidente da LBA, 1958.*

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. **Assistência e Modernidade nos Boletins da Legião Brasileira de Assistência (1945 – 1964)**. 2018. 264f. TESE (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

## RESUMO

O presente trabalho, alinhando-se aos estudos de História da Assistência Social no Brasil, visa analisar as relações tecidas entre a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e os discursos acerca da modernidade que ganhavam franco espaço no Brasil no período de 1945 – 1964. O país experimentava um interim democrático e fortes representações acerca da modernização do país e dos costumes. A LBA foi fundada em 28 de agosto de 1942 no contexto de recrutamento de homens para comporem a Força Expedicionária Brasileira que lutaria na Europa durante a Segunda Guerra, trazendo, portanto, como principal função o amparo às famílias dos soldados que estavam em combate em território europeu. Após a guerra, a LBA (só seria extinta em 1995) passou a dedicar-se unicamente à assistência à infância e à maternidade. Criada pela primeira-dama Darcy Vargas, foi tradicionalmente presidida pelas primeiras-damas brasileiras, acionando o importante argumento do protagonismo feminino nas ações de assistência social, bem como relevantes questões de gênero, que também são examinadas no trabalho. A análise a respeito das ações da LBA pauta-se fundamentalmente no escrutínio de edições do *Boletim da Legião Brasileira de Assistência*, sua publicação oficial fundada em 1945 e encarregada de divulgar preceitos de puericultura, pediatria e cuidados em geral, além das campanhas e ações da entidade. Desse modo, a problemática central na presente tese é acerca das maneiras como a maior instituição de assistência no período relacionou-se com os discursos de modernidade, isto é, tanto num olhar sobre si mesma e sobre suas ações e objetivos, quanto numa atenção “moderna” destinada ao público alvo de suas campanhas, às classes populares. Desse modo, a maternidade e a infância foram forçosamente adjetivadas de modernas e passaram a receber uma atenção significativa para que assimilassem certos padrões chamados modernos e de orientação burguesa.

**Palavras-chave:** Assistência social. Legião Brasileira de Assistência. Modernidade. Gênero. Puericultura.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. **Assistance and Modernity in the Bulletins of the Brazilian Legion of Assistance (1945 - 1964)**. 2018. 264p. THESIS (Doctorate in History). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis 2018.

### **ABSTRACT**

The present work, in line with studies on the History of Social Assistance in Brazil, aims to analyze the relations between the Brazilian Legion of Assistance (LBA, in portuguese) and the discourses about modernity that gained space in Brazil in the period from 1945 to 1964. The country experienced a democratic interlude and strong representations about the modernization of the country and its customs. LBA was founded on August 28<sup>th</sup>, 1942 in the context of the recruitment of men to compose the Brazilian Expeditionary Force that would fight in Europe during World War II, bringing, therefore, as main function the support to the families of the soldiers that were in combat in European territory. After the war, LBA (only to be abolished in 1995) began to focus solely on the child and maternity assistance. Created by the First Lady, Darcy Vargas, LBA was traditionally chaired by the Brazilian first ladies, triggering the important argument of female protagonism in social care actions, as well as relevant gender issues, which are also examined in this work. The analysis of LBA's actions is fundamentally based on the scrutiny of editions of the Bulletin of the Brazilian Legion of Assistance, its official publication, founded in 1945 and charged with the mission of disseminating precepts of childcare, pediatrics and general care, as well as advertise LBA's campaigns and actions, in general. Thus, the central problem in the present thesis is about the ways in which the largest institution of social assistance in the period was related to the discourses of modernity, that is, a reflection at itself and its actions and objectives, as well as "modern" attention and concern destined to the target public of its campaigns, the popular classes. In this way, motherhood and childhood were necessarily characterized as modern and began to receive significant attention to assimilate certain patterns called modern, and from a bourgeois orientation.

Keywords: Social Assistance. Brazilian Legion of Assistance. Modernity. Genre. Childcare

## Lista de figuras

<b>Figura 1:</b> Cartaz da campanha “Madrinha do combatente”.	43
<b>Figura 2:</b> Posse de Darcy Vargas em 1951.	67
<b>Figura 3:</b> Fotografia que ilustra matéria sobre o retorno do Corpo de Voluntárias à LBA.	70
<b>Figura 4:</b> Fotografias da terceira viagem de Darcy Vargas ao Nordeste.	75
<b>Figura 5:</b> Matéria sobre o papel das Assistentes sociais.	81
<b>Figura 6:</b> D. Darcy distribuindo presentes no Natal da LBA em 1951	83
<b>Figura 7:</b> Distribuição de leite no Natal da LBA de 1951	83
<b>Figura 8:</b> Dona Darcy recebendo flores de Dona Eloá	88
<b>Figura 9:</b> Crianças em centro de reabilitação no Irã.	94
<b>Figura 10:</b> Cursos Populares de Puericultura.	98
<b>Figura 11:</b> Bênção das 38 chaves de Postos de Puericultura	111
<b>Figura 12:</b> Ministério do Governo JK	116
<b>Figura 13:</b> JK e Mario Pinotti em momento de descontração.	117
<b>Figura 14:</b> Crianças e professoras na inauguração de Brasília.	120
<b>Figura 15:</b> Darcy Vargas distribuindo os presentes de Natal	121
<b>Figura 16:</b> JK e Sarah distribuem presentes no Natal de 1956	122
<b>Figura 17:</b> Sarah Kubitschek na distribuição dos presentes de natal.	122
<b>Figura 18:</b> A família Kubitscheck no Palácio da Liberdade	127
<b>Figura 19:</b> Logo da FPS até a década de 1970.	131
<b>Figura 20:</b> Chegada do primeiro Hospital Volante da FPS em 1956.	132
<b>Figura 21:</b> Hospital-volante da Fundação das Pioneiras Sociais, Rio de Janeiro, RJ.	132
<b>Figura 22:</b> JK e Sarah inauguram o primeiro Hospital Volante da FPS em 1956	133
<b>Figura 23:</b> Sarah discursa na inauguração do Centro de Pesquisas Luisa Gomes de Lemos	134
<b>Figura 24:</b> Sarah inaugura obra em Belo Horizonte,	135
<b>Figura 25:</b> Fotografia intitulada "Toilete na selva"	148
<b>Figura 26:</b> Posto de Puericultura inaugurado em Campina Grande em 1947.	158
<b>Figura 27:</b> Meninos aprendendo um ofício em patronato	164
<b>Figura 28:</b> Meninas aprendendo em curso de trabalhos manuais	164
<b>Figura 29:</b> Fotografia de um Curso de Trabalhos Manuais.	165
<b>Figura 30:</b> Fotografia de um curso de puericultura.	205
<b>Figura 31:</b> Matéria fotográfica demonstrando a maneira correta de se banhar o bebê.	209
<b>Figura 32:</b> Cartaz de campanha educativa da L.B.A.	213
<b>Figura 33:</b> Capa da edição nº.90 de janeiro, fevereiro e março de 1959.	214
<b>Figura 34:</b> Capa da edição nº97 (julho de 1959) do Boletim	216
<b>Figura 35:</b> Fotografia mostrando o processo de esterilização do leite em um lactário.	225
<b>Figura 36:</b> “A mãe tem orgulho de ela mesma amamentar seu filho”	231
<b>Figura 37:</b> Concurso de Robustez Infantil.	237
<b>Figura 38:</b> Meninos trabalhando em indústria rudimentar.	243
<b>Figura 39:</b> Menino indígena ao lado de planta de café.	241
<b>Figura 40:</b> Menina indígena servindo de talheres.	245
<b>Figura 41:</b> Meninas indígenas aprendendo bordado.	246
<b>Figura 42:</b> Pavilhão Nacional sendo hasteado na presença da comunidade indígena.	247
<b>Figura 43:</b> Religiosos e índios em missão no Mato Grosso.	248

## Lista de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Edições do Boletim da LBA entre 1945 e 1964. ....	37
<b>Quadro 2:</b> Lista de presidentes da LBA (1945 - 1964).....	53
<b>Quadro 3:</b> Valores de contribuições e débitos dos Institutos de Previdência e da União com a LBA. ....	55
<b>Quadro 4:</b> Presidentes das CEs em 1946 .....	57
<b>Quadro 5:</b> Presidentes das CEs em empossados 1951.....	69

## Lista de Gráficos

<b>Gráfico 1:</b> Funcionários da CC da LBA em 1947. ....	59
<b>Gráfico 2:</b> Incidência de Homens e Mulheres em Cargos na CC da LBA em 1947.. ....	60
<b>Gráfico 3:</b> Percentual de analfabetos no Brasil (1872 – 2009).....	154
<b>Gráfico 4:</b> Transição demográfica brasileira .....	179

## Lista de Abreviações

**CC:** Comissão Central da LBA

**CE:** Comissão Estadual

**CM:** Comissão Municipal

**CRIFA:** Comissão Especial de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas

**DASP:** Departamento Administrativo do Serviço Público

**DNCr:** Departamento Nacional da Criança.

**DNER:** Departamento Nacional de Endemias Rurais

**DIP:** Departamento de Imprensa e Propaganda

**FEB:** Força Expedicionária Brasileira

**FPS:** Fundação das Pioneiras Sociais

**HCE:** Hospital Central do Exército

**IPAI:** Instituto de Proteção e Assistência à Infância

**IPUB:** Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil

**LBA:** Legião Brasileira de Assistência

**SAPS:** Serviço de Alimentação da Previdência Social

**S.H.P.N.:** Serviço de Higiene Pré-Natal

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1: A Legião Brasileira de Assistência e o seu <i>Boletim</i> na formação de um modelo de atuação: da Segunda Guerra Mundial às décadas posteriores.....</b>	<b>25</b>
1. O <i>Boletim da L.B.A.</i> : representações da LBA.....	35
2. “Nasceu da guerra. Vive para a paz”: a LBA no pós-guerra.....	48
3. A consolidação da LBA sob a atuação de Darcy Vargas .....	63
4. O legado de Darcy: primeiro-damismo, assistência e representações de gênero. ....	84
<b>CAPÍTULO 2: A assistência entre o “dar” e o “educar”: a LBA sob o julgo da modernidade (1955 – 1960).....</b>	<b>92</b>
1. A LBA pós-Darcy: A presidência de Martagão Gesteira (1955 – 1957) .....	95
2. Abandonando a “idade da pedra dos esforços assistenciais”: a gestão Mario Pinotti (1957 – 1960). ....	100
3. Pinotti e JK: sanitarismo desenvolvimentista.....	107
4. A presença/ausência de Sarah Kubitschek .....	123
<b>CAPÍTULO 3: Maternidade nas páginas do <i>Boletim da L.B.A.</i>: natureza feminina, educação e serviço à pátria. ....</b>	<b>137</b>
1. A maternidade como essência feminina: a naturalização do instinto e amor materno.....	144
2. Educação para mulheres: formação de mães.....	151
3. Trabalho feminino: controvérsias entre o progresso e a proteção infantil. ....	166
4. A maternidade como missão patriótica: a formadora de cidadãos.....	177
<b>CAPÍTULO 4: Cuidados modernos: puericultura e infância no <i>Boletim da L.B.A.</i> .....</b>	<b>187</b>
1. A puericultura no Brasil: higienismo e filantropia.....	190
2. A luta contra a “ignorância”: parteiras, curiosas e mães na mira da disciplina.....	195
3. Puericultura e disciplina no <i>Boletim</i> .....	206
4. “ <i>Brasileirinhos fortes e saudáveis</i> ”: alimentação e amamentação no <i>Boletim</i> . ....	217
5. Estratégias de persuasão e táticas de renitência: os concursos de robustez infantil. ....	232
6. Políticas para infância: abandono e delinquência infantil na atenção da LBA. ....	239
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>250</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>255</b>

## INTRODUÇÃO

*Vivemos em uma nova Era na História da Civilização, deixando para trás um Mundo triste e arruinado (Boletim da Legião Brasileira de Assistência, n.18, 1º de março de 1946, p.7)*

Nos anos que se seguiram a Segunda Guerra Mundial havia a percepção que vivia-se um mundo completamente diferente. Entre os anos 1950 e 1970, progresso e modernidade tornaram-se expressões constantes nos imaginários e nas falas, tanto de altos governantes quanto da gente do povo - evidentemente, cada grupo guardava suas apropriações e significados próprios para tais expressões. Esse ideário, aparentemente novo, remete a um longo processo que transcorreu desde o início do século XIX, e que fora acentuadamente assinalado por um grande esforço de submissão das sociedades a uma racionalidade modernizante. Esse novo mundo e nova vida eram marcadamente adjetivados: “Moderno, modernidade, modernismo e modernização transformam-se em palavras de ordem no começo do século XX” (MAGALHÃES, 2000, p.20).

Como uma grande hera que granjeia para si um campo propício ao seu desenvolvimento e, assim, se espalha, os preceitos de modernidade também se alastraram e atingiram diversos aspectos da vida cotidiana, mas não sem sofrer resistência. Ciência, educação, forças armadas, política, modos de se vestir, falar, amar, dançar, enfim, a modernidade açambarcava os mais variados elementos da vida em sociedade, inclusive algo bastante tradicional e elementar, como a maternidade. O progresso e a modernidade, no entanto, não alcançavam a todos da mesma maneira. Aqueles e aquelas que ficavam às margens do dito “progresso” recebiam a atenção da assistência, seja filantrópica ou caridosa. Nesse sentido, queremos, no presente trabalho, refletir sobre como as representações da modernidade transformaram – ou não – os modelos de assistência social. Nossa análise centra-se, especialmente, na atuação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), maior instituição nacional nessa área, e tomamos como fonte sua publicação oficial, *Boletim da Legião Brasileira de Assistência*, no período de 1945 – 1964.

A LBA surgiu em 28 de agosto 1942 no contexto de recrutamento de homens para comporem a Força Expedicionária Brasileira (FEB) que lutaria na Europa, representando o Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, e trazia como missão primaz, num primeiro momento, amparar as famílias dos soldados que estavam em combate na Europa. A instituição originou-se da ação da primeira-dama do país, Darcy Vargas, que trouxe para junto de si o círculo de mulheres influentes na sociedade carioca e brasileira, assim como conclamou a todas as primeiras-damas dos estados e territórios brasileiros a se envolverem na causa, como

voluntárias. O fato é que a iniciativa vigorou frutífera, posto que a instituição atuou no país até 1º de janeiro de 1995, mesmo que entre transformações profundas em seu escopo e ameaças de extinção. O financiamento para o seu funcionamento provinha, até meados dos anos 1960, de um conjunto formado pelo Governo Federal e pelas Confederações da Indústria e do Comércio, desse modo, sua atuação também inscreve-se em uma trajetória histórica de aliança entre o Estado e a sociedade civil para a efetivação da assistência social.

É possível, em linhas gerais, apontarmos que a assistência e o amparo aos necessitados têm sido, historicamente, ligados à religião, em especial ao catolicismo, vinculando-se à ideia de caridade religiosa (SANGLARD, 2015). Esse entendimento sobre a assistência desenvolveu-se, inicialmente e mais efetivamente, na Europa a partir do século XII (MARCILIO, 2006). No Brasil, o amparo aos pobres e necessitados também iniciou-se operado fortemente no âmbito da caridade religiosa, como o exemplo da fundação da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro em 1599, que prestava assistência, física e espiritual, aos desamparados e desvalidos, especialmente, na hora de morte (FRANCO, 2015). Desse modo, até meados do século XX, a assistência ficou marcada, de forma mais significativa, pelas iniciativas particulares e individuais do que por uma política de Estado organizada. Marcílio (2006), cuja obra sobre infância abandonada é uma referência em estudos da área, ressaltou a existência de três fases distintas na trajetória da assistência no Brasil.

A primeira fase, de caráter caritativo, estende-se até meados do século XIX. A segunda fase – embora mantendo setores e aspectos caritativos – evoluiu para o novo caráter filantrópico, e está presente, a rigor, até década de 1960. A terceira fase, já nas últimas décadas do século XX, surge quando se instala entre nós o *Estado do Bem-Estar Social*, ou o Estado-Protetor, que pretende assumir a assistência da criança desvalida e desviante. Só a partir dessa fase, a criança tornou-se, na lei, sujeito de Direito, partícipe da cidadania. (MARCÍLIO, 2006, p.132)

Costuma-se apontar, portanto, que no início do século XX no Brasil, a filantropia começara a ganhar abordagens mais racionais, buscando auxílio na medicina preventiva e no higienismo, que popularizava-se (ALVES, 2013, MARCILIO, 2006, SANGLARD et all, 2015). Nesse sentido, a história da assistência no Brasil ficou marcada por uma espécie de aliança entre o Estado e a sociedade civil, tanto a Coroa portuguesa nos tempos coloniais, o Império brasileiro ou a República. Essa coligação se consubstancia em face da vigência de um Estado liberal, que, no que tange à assistência, se apoia, direta ou indiretamente, nas obras de caridade das misericórdias e nas instituições filantrópicas. As relações público-privada

permeiam a história da assistência no Brasil, e a LBA não consubstancia uma exceção, apesar de apontar nuances na relação de política de assistência e assistencialismo.

Nossa análise centra-se, contudo, nas transformações que o discurso de modernidade engendrou nas ações da LBA, especialmente acerca da assistência à maternidade e à infância. Para tal, analisamos a publicação oficial da LBA, o *Boletim da Legião Brasileira de Assistência* (doravante citado apenas como *Boletim*). *Boletim* foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1945, quando o Brasil e o mundo ainda estavam vivendo os conflitos finais da Segunda Guerra Mundial. Tratava-se de uma publicação da LBA que, primeiramente, tinha o encargo de facilitar uma comunicação mais efetiva entre os combatentes brasileiros que estavam na Europa e suas famílias que estavam no Brasil. Todavia, a partir de 1946 – já findada a guerra – ele passa a ser o principal canal de divulgação das ações e campanhas da LBA em prol do amparo à maternidade e à infância no Brasil, bem como de representações da própria instituição seus presidentes e corpo diretor.

Ao lidarmos com periódicos enquanto fontes históricas, é capital estarmos atentos a uma grande miríade de questões, como nos aponta Luca (2011). São questões acerca do material publicado, o destaque que é dado a determinados assuntos ou personagens – bem como ao layout e à abordagem escrita –, a linguagem e, sobretudo, o grupo responsável pela publicação, o que pode circunstanciar os múltiplos interesses que envolvem a publicação. Em vista disso, Luca (2011) salienta que, ao tomarmos os impressos enquanto fonte e objeto de pesquisa historiográfica, é necessário proceder, rigorosamente, uma crítica competente dos mesmos, contemplando as questões já apontadas.

Dessa maneira, é necessário destacar que o *Boletim...* é uma publicação bastante inconstante. Em momentos – como da guerra – fora publicado quinzenalmente, posteriormente sua periodicidade passou a ser mensal, e, ao longo do recorte temporal estudado, oscilou entre bimestral, trimestral e até semestral. Há períodos – por vezes longos – em que ele não foi publicado. No total, dispomos de 77 edições no íterim de 1945 até 1964, o que não representa, efetivamente, todas as edições do período, mas cobrem seguramente uma parcela significativa<sup>1</sup>.

DADO o interêsse crescente que o “Boletim da L.B.A.” tem despertado nas CC.EE [Comissão Estadual] e CC.TT. [Comissão Territorial] de todo país, e a circunstância de uma publicação trimestral prejudicar a atualidade dos

---

<sup>1</sup> A LBA foi desfeita em 1º de Janeiro de 1995. Seus documentos – das mais diversas categorias, entre fotos, vídeos, quadros, registros trabalhistas e muitos documentos escritos – permaneceram arquivados no Rio de Janeiro. Por ocasião dessa pesquisa, esse material – ou parte dele - encontrava-se sob a guarda do Ministério do Desenvolvimento Social em Brasília, a quem desde já agradecemos o prestimoso auxílio para o contato com as fontes. No entanto, o arquivo ainda não foi devidamente organizado e, por tal, há lagunas em nosso conjunto de fontes que não foram possíveis de serem preenchidas.

assuntos e reportagens focados, pensou o Serviço de Educação e Divulgação da L.B.A. transformá-lo em publicação mensal, a fim de ficarem mais em dia, no conhecimento público, as múltiplas atividades da Instituição. (*Boletim...*, n.95, abril, maio de 1959, p.1)

A transformação na periodicidade acarretava mudanças no tamanho de cada edição, que no período variaram de 30 páginas até mais de 100. Sobre a tiragem das edições não há qualquer informação nas capas ou nas fichas técnicas nas capas ou contracapas da publicação, bem como *Boletim*, muito raramente, apresentou expediente. Em 1959, *Boletim* apresentou algumas informações acerca de sua tiragem, acompanhadas de uma breve explicação:

BOLETIM DA L.B.A. – Está sendo editado a cada três meses. Até junho, a tiragem vinha sendo de 2.000 exemplares cada número. A partir do terceiro trimestre, a tiragem passou a ser de 3.000 exemplares, devido ao aumento de destinatários, causado pela revisão e atualização da lista de remessas. (*Boletim...*, janeiro, fevereiro, março de 1959, p.22)

Com grande frequência, *Boletim* omitiu a autoria dos artigos e reportagens apresentados. Faz-se necessário destacar que *Boletim* era uma publicação distribuída gratuitamente pela LBA e que, apesar de sua produção se dar na sede central da instituição no Rio de Janeiro, era enviada para as Comissões Estaduais (C.E) e Territoriais (C.T.) por todo o território nacional, conforme pode-se perceber pelas correspondências publicadas nas páginas do informativo. Nesse sentido, também é oportuno apontarmos que não há publicidade nas páginas do *Boletim*, sendo, portanto, sua produção e distribuição custeadas pela própria LBA.

Tradicionalmente, na historiografia o período que se estende entre 1945-1964 é tido como um período democrático, e, por vezes, considerado como *anos dourados*, com maior ênfase para a década de 1950. Tal denominação ocorre em função dos avanços nas ciências, técnicas e estilo de vida, no sentido de se atingir um progresso e uma modernidade, no entanto, também se dá em função de condições e conjunturas políticas.

A posição brasileira na Segunda Guerra Mundial ao lado dos vencedores propiciou um clima de confiança ao país. Com o final da guerra, ideias democráticas ganham força, provocando o fim da ditadura Vargas. Os anos que vão de 1946 a 1964 costumam ser vistos como um período democrático. Comparados aos anteriores e aos imediatamente posteriores, eles delimitam um intervalo de tempo com maior liberdade de expressão. Entretanto, apesar da representatividade formal garantida, das medidas populares tomadas pelo governo e da aparente autonomia dos três poderes, ocorre uma ampliação do poder estatal e se mantêm inabaladas velhas concepções de poder autoritário baseado na figura forte do chefe da nação. (PINSKY, 2014, p.16)

Trata-se, portanto, de um interim de experiência democrática, mas que carregava ainda um aparelho estatal bastante rígido; assim como um período fortemente marcado por transformações nas sociabilidades, tendo em vista a incorporação de novos hábitos e práticas culturais. Optamos, portanto, pela delimitação temporal de 1945 – 1964, uma vez que se inicia com a publicação do primeiro *Boletim* e percorre todo esse período democrático e de preeminência dos ideais de progresso atrelados ao conceito modernidade, ao passo que os sobressaltos na política nacional, como o suicídio de Vargas e a renúncia de Jânio Quadros, impactaram significativamente no funcionamento tanto da LBA quanto de seu *Boletim*.

É importante destacar que algumas áreas do conhecimento tiveram papel capital na construção desse imaginário de modernidade e progresso contínuos, assim como na consolidação de práticas cotidianas ditas modernas. As formas de saber técnico-científico que compuseram, de forma indelével, a base desse paradigma moderno foram “[...] a medicina (normatizando o corpo), a educação (conformando as “mentalidades”) e a engenharia (organizando o espaço).” (HERSCHMANN, 1994, p.13). Nessas áreas, o embate entre o arcaico e o moderno se deu de maneira mais contundente, pois, como aponta Herschmann (1994), era preciso normatizar, conformar e organizar, ou seja, fazia-se imperativo sobrepujar as formas de vivências anteriores. No sentido que Foucault (1979) nos apontou sobre os processos de higienização de hábitos, é inexorável a reflexão de que a construção da modernidade é seguida de uma constante intolerância com o arcaico, o antigo, visto como defasado e perigoso, nocivo.

O Brasil, sem dúvidas, viveu de forma contundente a euforia dos seus *anos dourados* e todos os embates próprios a eles, no sentido de fomentar e desenvolver a sua modernização. A ideia de modernização do país concatenava diferentes formas de atuação, como organizar a população, higienizar as cidades e os costumes e combater a mortalidade infantil. Diversas instâncias da vida social como as migrações internas, o conflito mundial, os novos padrões de consumo, as novas formas de sociabilidade e as novas formas de relações sociais, além de uma produção cultural também dita moderna estão correlacionadas nessa ambição moderna.

Um dos elementos que, mais significativamente, caracterizam esse período é a volumosa migração interna no país. De acordo com Mello e Novais (1997) em três décadas mais de 30 milhões de pessoas se deslocaram pelo país. Com o crescente processo de industrialização das regiões urbanas do Rio de Janeiro e, principalmente, de São Paulo, um número cada vez maior de migrantes movimentava-se – sobretudo dos estados nordestinos, secularmente castigados pelo clima semiárido e pela pobreza agrícola dele decorrente – para essas regiões mais industrializadas em busca de melhores condições de vida. Mas não apenas os “retirantes nordestinos” se deslocaram, mas os pequenos produtores agrícolas do interior do Brasil,

famílias inteiras que viviam da agricultura de subsistência, também são impelidos pela modernização do campo a migrarem para as cidades, tanto para as cidades mais próximas, pequenos polos regionais, como para as maiores metrópoles.

A esperança de vida melhor era representada por novos empregos e oportunidades de sobrevivência – ou até mesmo de crescimento – junto às novas e modernas indústrias ou postos comerciais que surgiam na vida urbana. Mas a busca desses brasileiros, que compunham, verdadeiramente, uma “sociedade em movimento”, não era apenas pelo emprego urbano e suas possíveis benesses, mas também por todos os deslumbres da sociabilidade e da vivência modernas. O processo de industrialização propiciou mudanças significativas na vida dos brasileiros:

[...] alterando os hábitos e o cotidiano da população, que, deslumbrada e espantada, passou a conviver com um sem-número de novidades. Entre outras coisas, um punhado de eletrodomésticos moderníssimos: máquina de lavar-roupa, grill automático, rádio de pilha, ventilador portátil, enceradeira com três escovas, fogão com visor panorâmico, som estereofônico, TV com controle remoto preso por um fio ao aparelho. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.415-416).

Tendo em vista o apinhado que muitas cidades se tornaram, sem condições de receber a todos, lograva sucesso o higienismo na saúde pública, bem como as práticas da eugenia, isto é, o estudo das características raciais dos grupamentos humanos e as tentativas de controlá-las, por meio de práticas médicas e genéticas visando o aprimoramento da espécie humana<sup>2</sup>. Algumas teses médicas do período também se voltaram para pensar o corpo e a saúde feminina, devido à elevada importância da reprodução humana. Grande preocupação que mobilizava médicos, políticos e, em seguida, setores da sociedade civil era a mortalidade infantil. Segundo Rocha-Coutinho:

A elevada mortalidade infantil, em particular, mostrava-se inaceitável para a sensibilidade das elites urbanas reformistas e incompatível com os anseios republicanos de ordem e progresso, o que alçou a maternidade ao centro dos debates da sociedade. (1994, p.175).

Em nome dessa pugna contra a mortalidade materno-infantil, a medicina moderna logrou franco espaço para se desenvolver, conseqüentemente, a medicalização do corpo

---

<sup>2</sup> Segundo Mota, “a ideia do branqueamento da raça torna-se central, devido à posição que era dada eugenicamente para o tipo apontado como ariano”. 2003, p.54. Essa posição pode ser vista em seu ápice na Constituição de 1934 que trazia em seu escopo diversas leis restritivas aos imigrantes, sobretudo, os asiáticos e os de tez preta.

feminino se deu, sobretudo, no momento do parto. Por séculos o parto foi atividade de outras mulheres – as parteiras – e não de médicos. Crescida a importância da reprodução humana e o surgimento de hospitais, a medicina investiu sobre o parto, tomando para si esta função<sup>3</sup>. É o processo de patologização do corpo feminino e o surgimento da obstetrícia e da ginecologia (MARTINS, 2000, VIEIRA, 2002). Mas não bastava a atenção com a gestação, era preciso incidir também sobre o puerpério, o período transcorrido do momento do parto até oito semanas. Com o passar do tempo, a incidência médica sobre a mulher puérpera e sobre o bebê vai se alongando para um período além das oito semanas, e cada vez maior. A justificativa para essa atuação médica sobre o binômio mãe/filho vai se dar em razão, sobretudo, da crescente oposição entre um saber tradicional – visto como arcaico e perigoso – e o saber científico.

Estabelecendo uma clivagem entre o saber médico e o saber leigo das mães, os médicos desqualificaram qualquer prática ou experiência que não tivesse fundamento científico e profissional. As mães são vistas com desconfiança e culpabilizadas pela mortalidade infantil, mas também são merecedoras da atenção e dos cuidados médicos. Como as crianças, as mães precisam ser educadas e os médicos atribuem a si essa tarefa por meio de um conjunto de práticas e de uma metodologia própria cujo objetivo é, em síntese, a normalização da maternidade (MARTINS, 2008, p.143).

A medicina científica sai dos hospitais e salas de cirurgias e invade os lares, não só por meio dos equipamentos modernos, mas também por uma cientifização dos hábitos e costumes, e com isso sua higienização. O processo de “treinamento” das mulheres se deu, além dos centros de saúde e revistas femininas<sup>4</sup>, também por meio das escolas com as “disciplinas para moças”, ou seja, disciplinas inseridas nos currículos escolares e ditas de interesse feminino. A mãe-cientista é a figura da mãe moderna (FREIRE, 2009). A oposição entre moderno e arcaico se fez presente, impondo uma separação muito clara entre os saberes populares e as práticas médico-científicas, muito bem representadas pela puericultura, que passa a ganhar muito espaço em publicações e em ações governamentais, como a LBA.

Usar e fazer ciência: este seria o novo papel social da mãe moderna. O argumento da modernidade era sistematicamente invocado pelos articulistas para justificar as novas práticas – científicas e racionais – opondo-se àquelas tradicionais, baseadas em costumes, crenças e superstições, consideradas em sua maioria maléficas, seguindo o esquema explicativo da oposição binária

<sup>3</sup> Ana Paula Vosne Martins apresenta o desenrolar desse processo histórico em sua tese de doutorado: *A medicina da mulher: visões do feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX*. Unicamp, 2000.

<sup>4</sup> Maria Martha Luna Freire (2009) escreve sobre o discurso maternalista nas revistas *Vida Doméstica* e *Revista Feminina*, ambas do começo do século XX; já Carla Pinsky (2014) analisou as páginas de revistas como *Jornal das Moças*, *Querida*, *Cláudia* entre outras na década de 1950.

entre atraso e progresso, instinto e técnica, crença e conhecimento (FREIRE, 2009, p.128).

Portanto, nossa análise, no presente trabalho, está orientada no sentido de compreendermos de que maneiras os discursos acerca da modernidade e do desenvolvimento do país se relacionaram com as ações da LBA. Nesse sentido, analisando as edições do *Boletim da LBA*, encontramos duas perspectivas em que assistência e modernidade parecem se coadunar nas representações da LBA nas páginas de seu boletim: a primeira é o processo de modernização da própria ação legionária, e do modo de fazer assistência. *Boletim* divulgava, por meio de textos e discursos de autoridades, os aspectos modernos de uma nova forma de se fazer assistência. Dessa maneira, caberá uma reflexão sobre as transformações que o discurso de modernidade teria engendrado na estrutura e na ação da LBA. A segunda perspectiva se dá através da elaboração e disseminação de discursos sobre a maternidade e a infância, agora pensados como elementos também modernos e aliados com o esforço conjunto para o progresso nacional. Em ambas as perspectivas os conceitos de modernidade, assistência e gênero se aproximam, como procuraremos demonstrar. E para todas as análises tomamos como fonte principal o *Boletim da L.B.A.*

Tendo em vista que a LBA tratava-se de uma instituição presidida, via de regra, por mulheres, cujo principal escopo de atuação era a assistência à maternidade, é imprescindível que tragamos muito próximo a nossa análise o conceito de gênero. A história, segundo Joana Maria Pedro (2008), foi a ciência que mais tardiamente incorporou a categoria gênero em seu arcabouço analítico. A História estava acostumada a narrar os fatos sempre exaltando os grandes homens. “A história, neste caso, é uma narrativa sobre o sexo masculino, e constitui o gênero ao definir que somente, ou principalmente, os homens fazem história” (PEDRO, 2008, p.181). Para Scott (1990) devemos considerar o conceito de gênero dentro de uma perspectiva de construção social, refutando as explicações biológicas sobre o masculino e o feminino. De acordo com Scott, tomando gênero como uma categoria de análise, é possível refletirmos sobre os papéis social e culturalmente criados e cobrados a homens e mulheres. Nesse sentido, as relações de gênero não podem ser analisadas tomando homens e mulheres isoladamente sem a percepção das relações sexuais em que estão presentes. O conceito de gênero está bastante presente em nossa pesquisa, uma vez que o cuidado e a assistência eram tidos como, essencialmente, aptidões femininas e a maternidade está no bojo da construção do que entendeu-se (ou entende-se ainda) por feminilidade.

Para cumprir o escopo da pesquisa, organizamos o trabalho que se segue em quatro capítulos. No primeiro capítulo, “*A Legião Brasileira de Assistência e o seu Boletim na formação de um modelo de atuação: da Segunda Guerra Mundial às décadas posteriores*”, apresentamos uma análise do momento inicial da Legião Brasileira de Assistência (1942) e de seu Boletim (1945), apontando o processo de formação e de sua consolidação perante a sociedade brasileira como uma grande instituição nacional de assistência. Nesse período, sua atuação se dava de forma mais dedicada aos brasileiros atingidos pelo conflito mundial, sejam os combatentes e ex-combatentes e/ou suas famílias. Procuramos também demonstrar como esse período constituiu-se fortemente como o momento de elaboração de um modo de atuação da LBA, que será seguido pelos próximos anos. No entanto, apresentamos também as transformações ocorridas por ocasião da reorganização da LBA como um todo, na conjuntura do fim da guerra e do Estado-Novo, o que possibilitou novos arranjos institucionais, bem como novas dimensões para o papel das mulheres na instituição.

No segundo capítulo, “*A assistência entre o “dar” e o “educar”: a LBA sob o julgo da modernidade (1955 – 1960)*”, analisamos mais proximamente o embate travado internamente na LBA sobre a sua política de assistência. Trata-se, propriamente, de um debate instaurado durante as presidências de dois médicos renomados – Raymundo Martagão Gesteira e Mário Pinotti – tendo na presidência da República também um médico – Juscelino Kubitschek – sobre o modelo assistencial realizado pela LBA. Há uma grande incidência de discursos que propugnavam mudanças na instituição, especialmente no sentido de cessar com a atuação assistencialista, para operar uma política mais voltada à educação. No capítulo analisamos os limites dessas transformações, além dos jogos políticos que o cargo da presidente da LBA engendrava no cenário nacional, e a ausência da figura da primeira-dama, Sarah Kubitschek. Observamos também a nítida conotação de que a modernidade na LBA associava-se com a “razão masculina”, numa flagrante oposição à “benevolência feminina”.

No sentido de perscrutar as representações sobre a mulher, especialmente no papel de mãe, no terceiro capítulo, intitulado “*Maternidade nas páginas do Boletim da L.B.A: natureza feminina, educação e serviço à pátria*”, percorremos os anos e as páginas do *Boletim da LBA* para investigarmos as representações e as relações entrelaçadas entre maternidade e modernidade no bojo das ações da LBA e nas páginas do *Boletim*. As práticas e técnicas modernas de como cuidar, banhar, alimentar, vestir, educar e etc. as crianças ganham, paulatinamente, mais espaço nas publicações após o final do conflito mundial. Há um processo de reforçar o papel doméstico feminino, afim de combater o terrível mal nacional que é a mortalidade infantil. A mulher rainha do lar e mãe devotada torna-se a figura mais contundente,

obliterando, muitas vezes, as diferenças sociais e amalgamando todas as mulheres no papel de “mães modernas”.

A LBA, ao longo de todo o período estudado, esteve bastante engajada na promoção da puericultura pelo Brasil. O tradicional e o moderno entram em conflito no que diz respeito aos cuidados com a gestante e com os bebês, e a puericultura revelava-se como a face moderna da maternidade. Desse modo, no quarto capítulo, “*A puericultura e os discursos de disciplinarização dos corpos maternos e infantis*”, analisamos o processo de construção dos corpos de mães e filhos enquanto corpos dóceis. A puericultura incidia sobre a mãe e o filho incorporando conhecimentos e técnicas que permitiam controlar e prevenir diversas doenças, assim como associava-se a práticas modernas, criando medidas higiênicas e normas específicas para as diferentes situações do cotidiano infantil. A alimentação, o banho, o vestuário, as férias, entre outros fatores foram alvo de uma prática de modernização dos costumes, que também se encontra presente nas páginas do *Boletim da LBA*. No entanto, é importante também matizarmos a extensão desse discurso médico racionalizador da puericultura, percebendo que seu alcance podia ser intermediado por táticas e estratégias, como nos apontara De Certeau (1994), mesmo que *Boletim* tente silenciar essas resistências.

Por fim, queremos ressaltar que o período analisado trata-se de um momento da história da saúde no Brasil que pode ser caracterizado como sanitarismo desenvolvimentista (ESCOREL, TEIXEIRA, 2009), uma vez que se partia do pressuposto que o grau de desenvolvimento econômico de um país ou de uma região depende, fundamentalmente, do nível de saúde da população. Dessa forma, os investimentos em saúde pública são sempre justificados em nome do progresso e do desenvolvimento do Brasil, bem como é elaborada e propagada uma série de representações sobre a população pobre, sobre a mulher, a mãe, a criança, o homem etc.

Ao longo de todo o trabalho que se segue queremos trazer muito próxima uma orientação teórico-metodológica que julgamos ser bastante adequada. Trata-se do pensamento de Michael Foucault, que largamente refletiu sobre as estruturas de poder e os modos de subjetivação dos sujeitos. Nosso interesse no conceito foucaultiano de poder é a disciplina, compreendida por Foucault entre as ‘tecnologias de poder’. Foucault interessou-se pela disciplinarização do corpo, sendo este agora fragmentado a fim de que a disciplina possa transformá-lo num corpo útil (FOUCAULT, 1979). Mas também nos valem dos conceitos de tática e estratégia de De Certeau (1994) que nos mostram certa resistência, não violenta, ao poder disciplinador.

Como já apontamos, a assistência ao pobre e ao necessitado está presente na história do Brasil há bastante tempo, passando por transformações. É preciso considerar que no período estudado (1945 – 1964) estamos diante de um momento de inflexão na assistência, ou pelo menos fora representado desse modo em nossas fontes. Nesse sentido, nossa análise do Boletim da Legião Brasileira de Assistência, tendo em vista tratar-se de publicação oficial da maior instituição de assistência no Brasil no período, visa perceber as aproximações e transformações causadas no escopo de atuação da LBA pelo discurso da modernidade e do desenvolvimentismo.

## Considerações Finais

Os dezenove anos transcorridos desde o final da Segunda Guerra Mundial e a desmontagem do regime de exceção do Estado Novo em 1945 até a instalação do Regime Militar em 1964 logo foram caracterizados como *anos dourados*. Tal designação advém da experiência democrática com a eleição em sequência de quatro presidentes da República<sup>77</sup> e uma nova Constituição promulgada democraticamente. Decorre também, e sobretudo, de uma aceleração do capitalismo dos bens de consumo e a propagação de um modelo de vida inspirado no *American way of life*. A modernidade estava presente nos discursos de políticos e homens e mulheres das letras e também estava na boca do povo, por vezes com demasiado espanto. Ela parecia espriar-se para todos os recantos da vida, desde os novos padrões de consumo, passando pela cultura, pela música, o cinema até a saúde, a medicina, a maternidade e a infância. No entanto, à contrapelo dos discursos mais deslumbrados, o alcance e poderio dessa modernidade “avassaladora” possuíam delimitações e, numa análise histórica, precisam ser matizados. Eventualmente, o próprio *Boletim da L.B.A.* referiu-se aos limites dessa modernidade e do progresso tão propalados, evidenciando a penúria e pauperização de parcelas da população brasileira.

É preciso também considerar que o discurso da modernidade não convencia a todos, não os fascinava da mesma maneira. Em vista disso, entendemos – seguindo os conceitos de Certeau (1994) – que táticas de resistência são aplicadas. As camadas populares também podiam aceitar parcialmente o discurso moderno da medicina higiênico-sanitária ou o assimilavam na aparência, pois podemos perceber que a LBA e *Boletim* precisaram insistir nas mesmas temáticas por anos a fio – mesmo que por estratégias diversas –, denotando que tais proposituras ainda não haviam sido assimiladas e consolidadas no imaginário social. As instituições aplicavam estratégias de controle e de convencimento, como cursos, campanhas e também medidas de compensação, como os concursos de robustez infantil, que premiavam em dinheiro ou em produtos os bebês que estivessem mais adequados aos padrões de desenvolvimento infantil.

As resistências e renitências a esse processo de disciplinarização não são claramente expressas na fonte principal desse trabalho – *Boletim da Legião Brasileira de Assistência* –, pois trata-se de publicação periódica oficial da LBA e esteve diretamente envolvida na

---

<sup>77</sup> É preciso ponderar que, apesar da vigência democrática das eleições, o período foi permeado por tentativas de golpes militares, de se impedir a posse de presidente e/ou de vice-presidente (FAUSTO, 2013; SCHWARCZ, STARLING, 2015)

divulgação de campanhas e preceitos consonantes com o escopo da instituição. As falhas de execução, as contradições nos programas e qualquer divergência, política ou teórica, aparecem de forma bastante nuançadas nos textos publicados. *Boletim* era distribuído gratuitamente às Comissões estaduais e municipais, possuindo um grande alcance pelo país. No entanto, em um país com alto índice de analfabetismo (é somente a partir dos anos 1960 que esses números serão menores de 50% da população brasileira) sua leitura e recepção eram restritas. Acreditamos, portanto, que *Boletim* era lido pelos homens e mulheres, tanto profissionais quanto voluntários, engajados diretamente nas ações da LBA. Desse modo, *Boletim* servia ao propósito de reportar e informar aos colaboradores em geral sobre a instituição, suas ações e o andamento de suas campanhas, bem como prestar contas financeiras. Todavia, não se deve ignorar o alto teor de discussão teórica e de disseminação de conhecimento nos textos do *Boletim*, que vão além de um simples relatório de atividades. Há um processo ativo de convencimento e disseminação de ideias, no entanto, essa ação é direcionada não às classes populares diretamente, mas às classes médias, no sentido de conformá-las aos valores burgueses médico-sanitários, fortalecendo a clivagem entre as classes médias e as populares. A LBA, desde sua fundação em 1942, fora mantida financeira e ideologicamente pelas classes conservadoras, isto é, os setores comercial e industrial e a Igreja Católica. Nesse sentido, observamos que há um caráter essencialmente conservador em “ser moderno” nas páginas do *Boletim*, preceitos presentes na crítica à “mãe solteira”, à “família desestruturadas”, e também evidente no elogio ao trabalho manual às classes pobres, na concepção de trabalho infantil e na própria ideia mais geral de que as classes populares precisam ser assistidas, mas sobretudo dirigidas e orientadas.

De modo geral, e bastante sintético, o que esperamos ter apresentado no presente trabalho, a partir da análise de 77 edições do *Boletim da L.B.A.* no íterim 1945-1964, foi uma reflexão sobre as formas como o discurso da modernidade agiu sobre esta que fora a maior instituição de assistência social do país, e também sobre as suas ações no período. Desse modo, podemos ressaltar que a LBA relacionou-se de duas maneiras com o discurso modernizante. A primeira delas é uma apropriação da modernidade sobre si mesma, em um processo de reestruturação e reformulação ocorrido em duas partes. Primeiramente, em 1946, quando tratou da remodelação de seus estatutos visando sua atuação em um período de paz e não mais de guerra mundial. A segunda deu-se a partir de 1955, mais fortemente revestida do discurso de modernidade, e foi operada pelos dois presidentes-médicos, Raymundo Martagão Gesteira e Mário Pinotti. Nessa reorganização a LBA passaria a pautar-se mais por uma ação educacional e transformadora do que por um assistencialismo que apenas distribuía benesses. Tanto Gesteira

quanto Pinotti, enquanto estiveram à frente da entidade, insistiram veementemente nessas posições, mesmo que as práticas e ações demorassem muito mais tempo para se transformar efetivamente em políticas e projetos que fossem além do assistencialismo, uma vez que este persistiu por todo o período.

A segunda maneira que o discurso modernizante relacionou-se com a LBA foi justamente no direcionamento da ação institucional sobre parcelas da população, especialmente, as classes populares. Nesse sentido, procuramos demonstrar ao longo do trabalho, por meio dos textos e passagens do *Boletim*, a atuação sistemática da LBA no sentido de que as classes populares fossem conformadas a um modelo familiar burguês-higiênico-sanitário. É preciso ponderar que a LBA promulgava seu discurso assistencial baseado na atuação junto às classes populares, quem mais sofria com a falta de assistência. *Boletim*, contudo, concentrava-se, mormente, na atuação junto às classes médias. Nesse sentido, os conhecimentos da puericultura tornam-se abundantes nas publicações do *Boletim* e nas ações da LBA. A maternidade moderna, a infância moderna, os cuidados modernos, tudo devidamente adjetivado e ressignificado. Em vista disso, há um significativo processo de distanciamento e refutação dos conhecimentos tradicionais, oriundos das mães, das avós, das comadres, das parteiras, tais noções são apontadas como responsáveis pela alta mortalidade infantil, aliadas à “ignorância” das mães, que precisavam, então, ser educadas dentro dos ditames modernos da puericultura. A LBA, como um entidade de assistência social voltada à maternidade e infância, imbuíra-se do discurso da modernidade na conformação dos corpos e condutas, mas, como já destacado, houve renitências em aceitar de pronto tais formatações. Muitos dos preceitos de puericultura divulgados nas páginas do *Boletim da LBA*, e que nos ocupamos em análise, parecem, atualmente, obviedades. Entretanto, queremos, justamente, evidenciar que as obviedades são construções históricas já bastante enraizadas no tempo.

O estudo sobre a LBA, em qualquer âmbito, enseja a utilização do conceito de gênero, como procuramos empreender. O gênero se faz presente no conjunto de representações acerca da maternidade, da feminilidade e dos papéis sociais das mulheres no trabalho, no lar e na sociedade como um todo, corroborado e divulgado pelas páginas do *Boletim*, bem como nas aulas dos cursos de puericultura e no tipo de ações empreendidas pela LBA. Gênero fez-se também presente na análise da estrutura e do funcionamento da instituição. Fundada por uma mulher, a primeira-dama Darcy Vargas, e tendo em seu regimento a prerrogativa de ser presidida pela primeira-dama da nação, a LBA sempre trouxe junto de si as questões acerca do feminino e a significativa presença das mulheres em seu funcionamento. Seu corpo funcional era largamente ocupado por mulheres em diversas posições, tanto como profissionais ou

voluntárias. Mesmo aí as questões de gênero se impuseram, pois as mulheres foram destinadas a postos de trabalho entendidos como condizentes com seu sexo, isto é, postos de subordinação e ligados à suposta essência maternal de toda mulher.

As primeiras-damas são um ponto nodal da história da LBA. Apresentadas como exemplos de retidão, abnegação e caridade pelo *Boletim*, foram tomadas como modelos e personificação do feminino e das representações do ser mãe e mulher. Darcy Vargas fundou a LBA em 1942 e duas vezes a presidiu, sendo, posteriormente, retratada, repetidamente, como um mito fundador da entidade, até mesmo uma santa. Depois dela, dentro do nosso período de estudo, ocuparam o cargo de Presidente da LBA as primeiras-damas Carmela Dutra (única a ocupar como Presidente de Honra), Eloá Quadros e Maria Thereza Goulart. Sarah Kubitschek não ocupou a presidência da LBA, como procuramos demonstrar, dedicando-se à Fundação das Pioneiras Sociais, que ela havia criado quando ainda primeira-dama de Minas Gerais. A reformulação e modernização da LBA sob as presidências de Gesteira e de Pinotti – na ausência de Sarah na presidência – é fortemente marcada por uma questão de gênero, a nosso entender, uma vez que seu eixo norteador era a racionalidade, apontada como traço masculino por excelência, substituiria a caridade e a sensibilidade, características consideradas femininas, e que até então dominava os trabalhos legionários.

Entendemos as primeiras-damas como agentes da cultura política também, pois, no caso específico da LBA, conduziam uma entidade de porte nacional, movimentando e administrando pessoas e recursos de grande monta. As aproximações com as estruturas do governo federal, bem como os jogos políticos perpassam a atuação dessas personagens na história institucional da LBA. Mesmo que baseadas em características “femininas” do privado, como a caridade e a compaixão, contribuíram para romper a divisão entre a esfera do público e a do privado, ao atuarem no ambiente público e político.

A ambiguidade sobre o trabalho assistencial no sentido de construção de políticas públicas e a prestação de assistencialismo permearam a trajetória da LBA nesse período, e, assim, também pode ser percebida nas páginas do *Boletim*. Tal debate esteve presente desde os primeiros anos da instituição, uma vez que já no período da Segunda Guerra Mundial, Darcy Vargas e a LBA insistiam no estímulo às hortas caseiras e comunitárias como saída para a carestia. Assim como a contundente ênfase ao longo do período no caráter educacional da LBA revelam uma preocupação com a implementação de uma política mais sólida. É evidente que o assistencialismo, enquanto a distribuição de benesses variadas, marcou forte presença. E pode-se entendê-lo de duas maneiras: a primeira como uso político e populista da estrutura assistencial da LBA, tendo em vista a proximidade entre a instituição e o governo federal em face a presença

da primeira-dama (a seguir o exemplo argentino do casal Perón, como certos estudiosos apontaram); mas também como necessidade imprescindível frente a uma população miserável, com pouco acesso à saúde, moradia e alimentação adequadas. Desse modo, é pouco preciso apenas enquadrarmos os esforços da LBA em uma dessas duas categorias da assistência social, pois entendemos que, especialmente, nesse período a instituição encontrava-se em franco processo de transformação.

Por fim, é preciso dizer que há muito o que ser feito nos estudos históricos sobre assistência no Brasil e especialmente sobre a LBA. Nesta tese utilizamos fontes até então muito pouco exploradas, os boletins da LBA, uma fonte riquíssima que enseja múltiplos olhares sobre diversas temáticas. É preciso destacar que nos circunscrevemos à reflexão sobre a relação da LBA com os discursos de modernidade, o que, forçosamente nos obrigou a suprimir de nossa análise outras tantas temáticas possíveis. É também relevante de nota que nossa análise está delimitada a um período de 19 anos da história da LBA, que fora fundada em 1942 e extinta apenas em 1995. Nessa longa trajetória, outras primeiras-damas assumiram a entidade, tanto durante o Regime Militar como após a redemocratização, do mesmo modo que significativas mudanças também ocorreram em seu escopo e em suas formas de atuação.

Nosso trabalho se inscreve na linha dos estudos da história da assistência social no Brasil. Estudos que julgamos tão necessários em um país cujas políticas sociais de assistência são bastante recentes, ainda pouco efetivas e severamente contestadas por determinados setores sociais. A nosso ver, é preciso – e almejamos que essa seja nossa modesta contribuição –, dotar de historicidade as iniciativas de assistência social no Brasil, inclusive as filantrópicas, para que seja verdadeiramente dimensionada a necessidade pungente da implementação de políticas e programas sociais no país.

## Referências

- ALVES, Jolinda. **Assistência aos pobres em Londrina (1940-1980)**. Londrina: EDUEL, 2013.
- ANDRADE, Cleide L. **A contribuição de Mário de Andrade para a Saúde Pública no estabelecimento de um projeto de educação destinado a crianças e jovens no Departamento Municipal de Cultura da cidade de São Paulo (1935-1938)**. TESE (Pós-Graduação em Saúde Pública). São Paulo: USP, 2008.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- AUGUSTO, Sérgio. **Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a JK**. São Paulo: Cinemateca Brasileira, Companhia das Letras, 1989.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370p.
- BARBOSA, Michele Tupich. **Sobre mães e filhos: as políticas públicas de proteção à maternidade e à infância em Guarapuava (1940-1960)**. UFPR: Dissertação de Mestrado, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de Assistência em tempos de guerra (1942- 1945)**. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2017.
- BARRETO, Maria Renilda Nery. Dar à luz no Rio de Janeiro da belle époque: o nascimento das maternidades (1870 – 1920). IN: SANGLARD, Gisele. et.all (org). **Filantropos da Nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. IN: \_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. **História da saúde pública no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.
- BOBBIO, Norberto. (et.al). **Dicionário de política**. trad. Carmen C, Varriale et al.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.
- BOCK, Gisela. A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres. IN. THÉBAUD, Françoise (org.) **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.
- BONILHA, Luís R. **Puericultura: olhares e discursos no tempo**. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente). Campinas, SP: UNICAMP, 2004.
- BONILHA Luís R. RIVORÊDO Carlos, R. Puericultura: duas concepções distintas. *J Pediatría* (Rio J). 2005;81:7-13.
- BOSI, Maria Lúcia M. MACHADO, Marcia T. Amamentação: um resgate histórico. IN: *Cadernos ESP - Escola de Saúde Pública do Ceará - V. 1 - N. 1 - Julho - Dezembro – 2005*.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Thomaz, 14ª Ed. Rio de Janeiro: Berthand, 2001.

- CAPELATO, Maria H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CARDOSO, Ciro F. MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. IN: CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARVALHO, Marta M. C. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. IN: FREITAS, Marcos C. (org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Vol. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- CHALOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia** – o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COLIN, Françoise. LABORIE, Françoise. Maternidade. IN: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise et.all (org). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CÔRTEZ, I. R. A trilha legislativa da mulher. In PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. **A nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p.260-285.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e Norma familiar**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- COTT, Nancy F. A mulher moderna: o estilo americano dos anos vinte. IN. THÉBAUD, Françoise (org.) **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.
- COURTINE, J. (org.) **História da Virilidade**: A Virilidade Em Crise? Século XX-XXI - Vol. 3. São Paulo: Vozes, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001
- DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DUTRA, Eliana de F. Cultura. IN: GOMES, Ângela de C.(coord.) **Olhando para dentro**: 1930-1964. Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010 (coord. Lília Moritz Schwarcz). Madrid: Fundación Mapfre. Rio de Janeiro: Objetiva. 2013
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.
- SCOREL, SARAH; TEIXEIRA, LUIZ ANTONIO. História das políticas de saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao desenvolvimento populista IN: GIOVANELLA, LÍGIA;

ESCOREL, SARAH (et. all) (org). **Políticas e sistemas de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2008.

EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. O Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS): trabalhadores e políticas públicas de alimentação (1940-1967). IN: *Anais Eletrônicos do XXIV Encontro Regional da ANPUH - Rio Memória e Patrimônio*, 2010, Rio de Janeiro. XXIV Encontro Regional da ANPUH - Rio Memória e Patrimônio, 2010.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11ª Edição. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. A vida política. IN: GOMES, Ângela de C.(coord.) **Olhando para dentro: 1930-1964**. Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010 (coord. Lilia Moritz Schwarcz). Madrid: Fundación Mapfre. Rio de Janeiro: Objetiva. 2013.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

FERREIRA, Antonio Celso. CARVALHO, Leonardo B. Raça e teorias raciais nos estudos de Darcy Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo, n. 56, pp. 256-280, Mai.-Ago. 2016.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 22ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 231p.

FRANCO, Renato. O privilégio da caridade: comerciantes na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. IN: SANGLARD, Gisele. et.all (org). **Filantropos da Nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

FREIRE, Maria Martha L. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009

\_\_\_\_\_. Quando a caridade encontra a ciência: um olhar sobre a trajetória do dr. Arthur Moncorvo Filho. IN: SANGLARD, Gisele. et.all (org). **Filantropos da Nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

GAERYSZEWski, Alberto. **Panela Vazia**. Rio de Janeiro: Editora: Biblioteca Carioca, 2001.

\_\_\_\_\_. **Agonia de morar: urbanização e habitação na cidade do Rio de Janeiro (DF) – 1945/1950**. Londrina: EDUEL, 2012.

GANZ, Ângela Lúcia. Mães dialogam com médicos. IN: TRINDADE, Maria Etelvina de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne. **Mulheres na história: Paraná séculos 19 e 20**. Curitiba UFPR, 1997.

GERALDO, Endrica. **O Perigo Alienígena: Política Imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)**. TESE (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 2007.

GESTEIRA, Joaquim Martagão. **Puericultura: higiene alimentar e social da criança**. Ed. Pan-Americana, 1943.

GIRARDELLO, Gilka E. P., DIONÍSIO, Ana C. Corpo, infância e publicidade nas décadas de 1940 e 1950. IN: SCHREINER, Davi F.; PEREIRA, Ivonete. AREND, Silvia Maria F. **Infâncias brasileiras: experiências e discursos**. Cascavel: Ed.Unioeste, 2009.

GOMES. Ângela C. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. As marcas do período. IN. \_\_\_\_\_ (coord.) **Olhando para dentro: 1930-1964**. Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010 (coord. Lilia Moritz Schwarcz). Madrid: Fundación Mapfre. Rio de Janeiro: Objetiva. 2013a.

\_\_\_\_\_. População e sociedade IN. \_\_\_\_\_ (coord.) **Olhando para dentro: 1930-1964**. Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010 (coord. Lilia Moritz Schwarcz). Madrid: Fundación Mapfre. Rio de Janeiro: Objetiva. 2013b.

GONÇALVES, A. L. **História e gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GRAZIA, Victoria de. O patriarcado fascista: as mulheres italianas sob o governo de Mussolini (1922 – 1940). IN. THÉBAUD, Françoise (org.) **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

HERSCHMANN, Micael M., PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. O imaginário moderno no Brasil. IN. HERSCHMANN, Micael M., PEREIRA, Carlos Alberto Messenger (org.) **A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HOCHMAN, Gilberto. “O Brasil não é só doença”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul.2009, p.313-331.

IANNI, Otavio. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

KOVARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. In PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. **A nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p.286-312.

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA. **Memória da Assistência Social**. Rio de Janeiro: Legião Brasileira de Assistência, 1977.

LEMONS, Flavia C. R. A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças. IN: *ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA*, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 81-91, abr. 2007.

LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986.

LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade: Imigrante, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LIRA, Aliandra C. M.. Jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil: a construção da infância moderna. In: *X Congresso nacional de Educação- EDUCERE*, 2011, Curitiba. Anais do ... Congresso Nacional de Educação. Curitiba: Champagnat, 2011. v. 1. p. 14767-14778.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Cinema como pedagogia. IN LOPES, Eliane M. T. FARIA FILHO, Luciano M. VEIGA, Cynthia G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição. 608p.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN PINSKY, C. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p.111 – 153.

\_\_\_\_\_. Mulher em revista. IN PINSKY, Carla B. PEDRO, Joana Maria (org). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAGALHÃES, Guido. **Força e luz: eletricidade e modernização na República Velha**. São Paulo: Editora UNESP/FAPESP, 2000.

MARCILIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 2006.

MARTINS, Ana Paula V. **A medicina da mulher: visões do feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX**. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. "Vamos criar seu filho": os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 1, p. 135-154, 2008.

\_\_\_\_\_. Gênero e assistência: considerações histórico-conceituais sobre práticas e políticas assistenciais. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, V.18, supl.1, dez.2011, p.15-34.

MARTINS, Franklin. **Quem foi que inventou o Brasil?: a música popular conta a história da República**. Volume I: de 1902 a 1964. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 2015.

MATOS, Maria Izilda. BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado de produtivo. IN: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. **A nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAUAD, Ana Maria. LOPES, Marcos Felipe B. História e fotografia. IN. CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.  
SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In *Educação e Realidade*, p.71–99, jul./dez. 1990.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. Tese (Doutorado em História). Assis: Unesp, 2013.

MEDEIROS, Helber Renato F. O passado e o presente da puericultura através da história do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira. IN: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2001.

MEDEIROS, Moira S. S. **Primeiro-damismo no Ceará: Luíza Távora na gestão do social**. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012.

MELLO, João Manuel Cardoso. NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. IN: SCHAWARCZ, Lilia M. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol.4 (Coleção História da Vida Privada no Brasil, Coordenação geral Fernando Novais.) São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENDONÇA, Lúcia G. **As parteiras de Londrina** (1929 – 1978). Dissertação (Mestrado em História da Saúde). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.

MERISSE, Antonio. Origens das instituições de atendimento à criança: o caso das creches. IN: MERISSE, Antonio. JUSTO, José S. (et. all) (org). **Lugares de infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato**. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

MIGUEL, Raquel Barros. RIAL, Carmen. Programa de Mulher IN: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOLINA, Ana Heloísa. Fenômeno Getúlio Vargas: Estado, discursos e propagandas. *História & Ensino (UEL)*, Londrina, v. 03, p. 95-112, 1997

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOTT, Maria Lúcia. A parteira ignorante: um erro de diagnóstico médico?. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, p. 25-36, 1999.

\_\_\_\_\_. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930 – 1945). *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp. 199-234.

\_\_\_\_\_; BYINGTON, Maria Elisa B. ALVES, Olga Sofia F. **O gesto que salva**: Pérola Byington e a cruzada Pró-Infância. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2005.

MOURA, Solange M. S. R. de; ARAÚJO, Maria de Fátima. “Maternidade na história e a história dos cuidados maternos”. *Psicologia Ciência & Profissão*, Brasília, v.24, n.1, pp. 44-55, 2004.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. **A escalada política**. Meu caminho para Brasília. Volume II. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978a.

\_\_\_\_\_. **50 anos em 5**. Meu caminho para Brasília. Volume III. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978b.

PARADA, Maurício. Corpos infantis e nacional: políticas públicas para a criança durante o Estado Novo. IN: DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo, Editora UNESP, 2011.

PEDRO, Joana Maria. Historicizando o gênero. IN: FERREIRA, A. C., BEZERRA, H.G. e DE LUCCA, T. R. (orgs.) **O historiador e seu tempo**: encontros com a história. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio, meu pai**. Rio de Janeiro|: Editora Globo, 1960.

PEREIRA, Ivonete. A Eugenia no Brasil: “trabalhar” a infância para (re)construir a pátria. IN: SCHREINER, Davi F.; PEREIRA, Ivonete. AREND, Silvia Maria F. **Infâncias brasileiras**: experiências e discursos. Cascavel: Ed.Unioeste, 2009.

PEREIRA, André R. A criança no Estado Novo: uma leitura na longa duração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.19, nº 38, p. 165-198, 1999.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINHEIRO, Letícia. O Brasil no mundo IN GOMES, Ângela de Castro (coord.) **Olhando para dentro: 1930-1964**. Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010 (coord. Lilia Moritz Schwarcz). Madrid: Fundación Mapfre. Rio de Janeiro: Objetiva. 2013.

PINOTTI, Mario. **Vida e morte do brasileiro: saúde e doença no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1959.

PINSKY, Carla B. Mulheres dos anos dourados. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. A era dos modelos rígidos. IN: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012a.

\_\_\_\_\_. A era dos modelos flexíveis. IN: PINSKY, Carla B. PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

QUEIROZ, E. Tingidas de tragédia. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 10. Nº117, junho 2015; pp.26-31.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. Brasil (1890-1930). 4ª edição. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. Trabalho feminino e sexualidade. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, Jaime. **Alimentação, vida material e privacidade: uma história social de trabalhadores em São Paulo nas décadas de 1920 a 1960**. São Paulo: Alameda, 2011.

ROSEMEBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. IN: PINSKY, C. B. PEDRO, J. M. (org). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SANGLARD, Gisele. FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. IN: *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 26, nº 44: p.437-459, jul/dez 2010.

SANGLARD, Gisele. A sociedade civil e a construção de hospitais na cidade do Rio de Janeiro da Primeira Repúbl. IN: SANGLARD, Gisele, ARAUJO, C.E.M. de, SIQUEIRA, J.J. (Org.). **História Urbana: memória, cultura e sociedade**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, v. 1, p. 225-249.

\_\_\_\_\_. Filantropia e política pública: Fernandes Filgueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro na Primeira República. IN: SANGLARD, Gisele. et.all (org). **Filantropos da Nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

SANT'ANNA, Denise B. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS LAMPRECHT, Claudia Amaral dos. **Toda boa mãe deve...** Governo das maternidades para a constituição de infâncias saudáveis e normais. TESE (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

\_\_\_\_\_. Conselhos às mães: manuais de puericultura como estratégia biopolítica na constituição de infâncias saudáveis e normais. In: 6 Seminário Brasileiro/3 Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2015, Canoas/RS. 6 Seminário Brasileiro/3 Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2015.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface\_Comunicação, Saúde, Educ.*, v.5, n.8, pp-47-60, 2001.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_; STARLING Heloisa M. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHUMACHER, Maria Aparecida. VITAL BRAZIL, Erico T. **Dicionário Mulheres do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. IN: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. **A nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In *Educação e Realidade*, p.71–99, jul./dez. 1990.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. IN: MORAIS, Fernando (org. geral). SEVCENKO, Nicolau (org. do volume) **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio. Volume III.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em Cena: As novas roupagens do primeiro damismo na Assistência Social.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2009. 155p.

SILVA, Renato da. **Malária e desenvolvimento: a saúde pública no governo JK (1956-1961).** Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2008.

SILVA, Zélia L. **A república dos anos 30: sedução do moderno: novos atores em cena: industriais e trabalhadores na Constituinte de 1934.** Londrina: EDUEL, 1999.

SIMILI, Ivana Guilherme. Mulheres uniformizadas: o estilo das voluntárias da defesa passiva antiaérea na Segunda Guerra Mundial. *Revista Ártemis*, v. 4, p. 4, 2006.

\_\_\_\_\_. Educação e moda na Segunda Guerra Mundial: as propagandas das campanhas da Legião Brasileira de Assistência. *Estudos Ibero-Americanos*, v. xxxIII, p. 160-171, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945).** São Paulo: Edunesp - Editora da Unesp, 2008.

SOHIET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência.** Mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. A conquista do espaço público. IN: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. **A nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

SOHN, Anne-Marie. Entre duas guerras. Os papéis femininos na França e na Inglaterra. IN. THÉBAUD, Françoise (org.) **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

SOUZA, E et all. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. IN: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2000, 13(3), pp.485-496.

SPOSATI, Adalgiza O. FALCÃO, Maria do Carmo B. C. **Assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras** : uma questão em análise. 6ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 1985.

STRAUB, José Luiz. **Brincadeiras** : práticas culturais de governo da criança. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre : UFRGS, 2002.

TEMPERINI, Rosana S. de L. **Fundação das Pioneiras Sociais** : Contribuição inovadora para o controle do câncer do colo de útero no Brasil, 1956-1970. *Revista Brasileira de Cancerologia*. 58 (3) pp.339-349, 2012.

\_\_\_\_\_. **Fundação das Pioneiras Sociais** : contribuição para o controle do câncer do colo do útero no Brasil (1956 – 1990). TESE (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro : Fundação Oswaldo Cruz : Casa de Oswaldo Cruz, 2016.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra. IN \_\_\_\_\_ (org.) **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991. p. 31 – 93.

TOMAZ, Renata. “Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão”. IN: *Galaxia*, São Paulo, n.29, p.155-166, 2015.

TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social**: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.

TUMELERO, Michele R. SILVA, Cristiani B. Legião Brasileira de Assistência e o “projeto civilizador” instaurado em Chapecó/Sc na década de 1940. *Revista de História Regional* 18(2): 335-362, 2013.

VIEIRA, Alexandre S. **Sessão das moças**: história, cinema, educação. (Florianópolis: 1943-1962). TESE (Doutorado em História Cultural). Florianópolis: UFSC, 2010.

VIEIRA, Elisabeth. M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

VINAGRE, Roberto D. DINIZ, Edna M. A., VAZ, Flávio A. C. Leite humano: um pouco de sua história. IN: *Pediatria (São Paulo)* 2001;23(4):340-5.